

## CEDI

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESPCLASS. : YAR 1732DATA : 13 05 90PG. : 03

13/5/90

*Os médicos e os monstros*

Um grupo de ecologistas franceses, autodenominados *Médecins du Monde* (Médicos do Mundo), acaba de sugerir — segundo despacho do correspondente da *Agência Estado* em Paris, Reali Júnior — o envio das forças de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) para proteger os índios ianomâmis e a própria floresta amazônica. Numa entrevista à revista francesa *Paris Match*, o presidente de honra da organização, Patrick Aeberhard, disse ser a administração federal brasileira, sob o comando de Fernando Collor de Mello, incapaz de impedir a devastação da floresta e o extermínio dos índios. Por isso, pediu que a Amazônia passe a ser "patrimônio da humanidade", com segurança garantida pelos "capacetes azuis" da ONU.

A ecologia é a última moda da política européia e isso não acontece por acaso. A militância política pela preservação da vida animal ou vegetal ganha novos adeptos, na medida em que a utopia do socialismo científico se dissolve no ar, como bolha de sabão. Um movimento é efeito do outro: a esquerda, acompanhando o processo de destruição dos ideais marxistas pela vida prática, enxerga na luta contra o progresso da vida moderna a saída para seus anti-

gos dilemas. Protegida pela capa da defesa da saúde e da natureza, investe, então, contra o capitalismo, a economia de mercado e a liberdade de empreender, sem abandonar nem sequer as tinturas internacionalistas do passado. A internacionalização pura e simples da Amazônia é o verdadeiro (e escuso) interesse que move os pseudomédicos do mundo.

Reali Júnior observa, com muita propriedade, que esses grupos de ecologistas contam com a simpatia e o apoio, nem sempre muito discreto, dos governantes europeus. Isso ocorre, naturalmente, por causa da opinião favorável de eleitorados prósperos, que usufruem de todas as comodidades proporcionadas pelo progresso e já contribuíram negativamente com uma cota de destruição do ambiente natural muito maior e mais violenta do que a de todos os predadores da Amazônia brasileira, por mais condenável que possa ser a ação maléfica destes. É a busca de agradar a esse eleitorado sedento de exotismo que leva um estadista como François Mitterrand a receber o roqueiro Sting e o cacique Raoni em missão pretensamente ecológica.

Enquanto se limitava a pas- seios transformados em rendo-

sas publicações e discos ou a visitas a políticos interessados em popularidade fácil, com objetivos eleitorais, essa militância não podia despertar queixa maior. O sr. Aeberhard, contudo, ultrapassa todos os limites ao propor a ocupação de território brasileiro por tropas internacionais, como se o Brasil fosse, ainda, uma colônia e tivesse de ser tutelado por alguém mais sábio ou mais civilizado, ou seja, os europeus, que dispõem de muito poucos exemplos de natureza preservada para exhibir aos menos desenvolvidos que eles fazem questão de condenar, sem, ao menos, conhecer.

O grupo de fanfarrões de Paris — ou um "médico do mundo" não é um impostor? —, sob o comando do sr. Aeberhard, não sabe, por exemplo, que o governo brasileiro tem uma política muito clara e definida a respeito da preservação das matas que ainda restam no território nacional. O presidente Collor apóia sugestão dada pelos holandeses de se cobrar US\$ 1,00 por barril de petróleo ou equivalente energético atirado na atmosfera. O resultado financeiro dessa pequena taxa — US\$ 50 bilhões — seria aplicado em reflorestamento, na pesquisa de gases alternativos aos aerossóis que contaminam o ar e em equipamentos de filtragem da polui-

ção industrial, a serem empregados em países pobres, com menos condições de fazer esse tipo de investimento.

Os países ricos, que vêem com simpatia a ação de grupos da esquerda internacionalista ecológica, encontraram uma boa tática para combater a óbvia simplicidade da solução holandesa aceita pelo governo brasileiro: propõem taxas mais elevadas sobre o combustível consumido. Assim, conseguem mobilizar a população de seus próprios países contra a idéia do imposto único de poluição, uma idéia muito mais justa e adequada ao direito e à soberania internacionais do que à fantasia intervencionista dos "Médicos do Mundo". Esses senhores desocupados, interessados em intervir no Brasil, como se este país não passasse de uma aldeia qualquer, fariam muito melhor se fossem cuidar de limpar os seus quintais, começando pela eliminação da chuva ácida e pela simples aceitação do imposto único internacional da poluição. Passariam a ser dignos de sua denominação. Agora, ao pedir que se fira a soberania territorial brasileira, estão mais próximos da definição de monstros do que da de médicos.